



Inserção da educação ambiental por condutores e guias de turismo em Barreirinhas/MA

Insertion of environmental education by tour guides and conductors in Barreirinhas/MA

Amália Thaynar Serêjo Moraes*
Karlla Fabianna Lima Santos**

Resumo: Este trabalho analisa a relação entre guias e condutores de turismo de Barreirinhas (MA) e a forma como incorporam a Educação Ambiental em suas práticas profissionais. Com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, a pesquisa foi dividida em duas etapas: revisão bibliográfica e análise documental sobre Educação Ambiental, turismo sustentável e estudos de caso; e uma pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas com sete condutores e três guias atuantes na região. A análise das falas mostrou que esses profissionais demonstram consciência sobre a importância da Educação Ambiental e do ecoturismo, buscando promover a valorização do meio ambiente junto aos turistas. No entanto, apontam dificuldades para a consolidação de um turismo verdadeiramente ecológico, como a falta de fiscalização e a baixa consciência ambiental de empresários, moradores e gestores públicos. A pesquisa ressalta que a preservação ambiental é essencial para garantir a continuidade da atividade turística, principal fonte de renda do município.

Palavras-chave: Educação ambiental; Barreirinhas; Práticas ambientais; Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Abstract: This study analyzes the relationship between tour guides and conductors in Barreirinhas (MA) and how they incorporate Environmental Education into their professional practices. Using a qualitative, descriptive, and exploratory approach, the research was divided into two stages: a literature review and document analysis on Environmental Education, sustainable tourism, and related case studies; and field research involving semi-structured interviews with seven conductors and three tour guides working in the region. The analysis of the responses revealed that these professionals show awareness of the importance of Environmental Education and ecotourism, striving to promote environmental appreciation among tourists. However, they reported challenges in achieving truly ecological tourism, such as lack of enforcement and low environmental awareness among business owners, residents, and public administrators. The study emphasizes that environmental preservation is essential to ensure the continuity of tourism activities, which represent the main source of income for the municipality.

Keywords: Environmental educational; Barreirinhas; Environmental practices; Lençóis Maranhenses National Park.

1 Introdução

As atividades turísticas vêm crescendo nos últimos anos e, embora representem uma importante fonte de emprego e renda, sendo responsáveis por 1 a cada 11 empregos no setor de serviços, verifica-se que também contribuem para a crescente degradação ambiental por meio de ações como a introdução de espécies exóticas e contaminação por óleo diesel, entre outras (Brasil, 2024; Coutinho; Silva; Silva, 2014; Soares; Lima; Spinola, 2024).

* Instituto Federal do Maranhão. Email: atsmoraes@gmail.com.

** Instituto Federal do Maranhão. Email: Karlla04fabianna@gmail.com.



Em contrapartida, o turismo também pode contribuir para a preservação ambiental, sobretudo quando regido sob os princípios do ecoturismo. Tal abordagem valoriza a cultura local, promove a educação ambiental e estimula práticas de sustentabilidade, propiciando a conservação de recursos naturais, além de gerar vantagens socioeconômicas para a comunidade (Baloch *et al.*, 2023; Jesus; Silva; Machado, 2024).

Paralelamente, o Maranhão é um dos principais destinos turísticos no Nordeste brasileiro, repleto de diversidade cultural, beleza natural, praias e paisagens deslumbrantes. O estado vive um momento de forte crescimento no setor turístico, com destaque para o aumento no fluxo de turistas nos meses de férias escolares, que acontece em julho, no Brasil, e feriados prolongados (IMESC, 2025).

O estado do Maranhão abriga importantes destinos turísticos, entre os quais se destacam o Parque Nacional da Chapada das Mesas, a capital São Luís e o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM). Dentre esses atrativos, dois configuram-se como Unidades de Conservação de Proteção Integral, conforme definido pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC – Lei nº 9.985/2000). Esses parques têm como finalidade principal a preservação ambiental, com regras específicas que restringem o uso direto dos recursos naturais, visando garantir a conservação da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos associados a eles.

Os Lençóis Maranhenses, localizados no litoral do nordeste do Maranhão, são um destino turístico único. Sua beleza natural inclui lagoas de águas cristalinas em meio a dunas (ICMBio, 2025). Apesar do reconhecimento internacional, com nomeação como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO (2024), o aumento do fluxo de turistas na região gera preocupações quanto à sustentabilidade das práticas desenvolvidas no parque. Nesse contexto, os guias e condutores de turismo assumem um papel fundamental na mediação entre visitantes e o meio ambiente, podendo contribuir para a educação ambiental dos visitantes (Silva *et al.*, 2024). Porém, ainda são escassas pesquisas que analisam como esses profissionais integram a educação ambiental em sua rotina de trabalho.

Logo, essa pesquisa se justifica pela relevância do papel desempenhado pelos condutores e guias na promoção da educação ambiental, especialmente em um território de grande valor ecológico, como Barreirinhas. Tendo em vista a expansão do turismo, é imprescindível compreender as ações dos condutores e guias a respeito da educação ambiental



e preservação, visando promover práticas sustentáveis que garantam uma visita responsável e ambientalmente consciente.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar a relação entre os conhecimentos dos profissionais de turismo de Barreirinhas (MA) acerca da educação ambiental. Além disso, busca-se, especificamente: (I) compreender de que forma esses profissionais percebem e aplicam conceitos relacionados à educação ambiental em suas atividades cotidianas de condução turística; (II) identificar os saberes e percepções que os profissionais de turismo possuem sobre educação ambiental e práticas sustentáveis; (III) analisar como os conhecimentos acerca da educação ambiental e práticas sustentáveis são incorporados no exercício de suas funções e, por fim, (IV) avaliar o potencial formativo dessas práticas no sentido de promover uma cultura de sustentabilidade junto aos visitantes do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

2 Referencial Teórico

2.1 Área de estudo: o Parque Nacional Lençóis Maranhenses

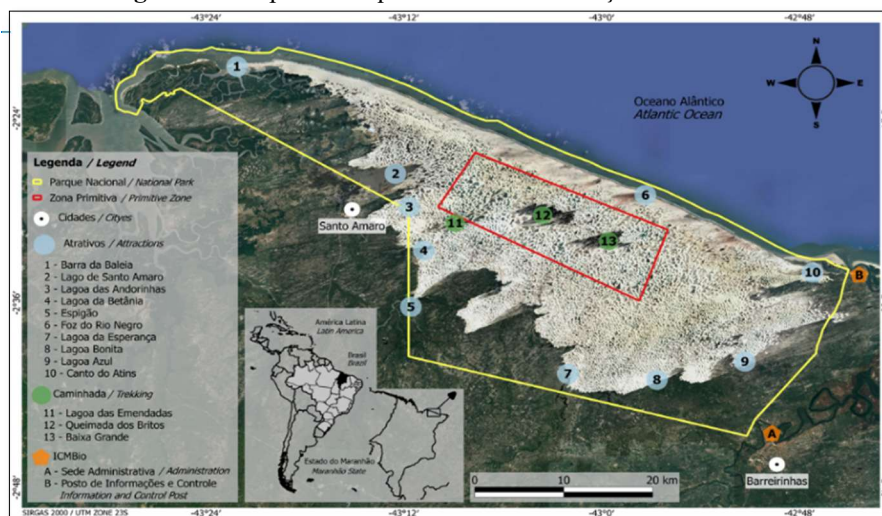
O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses foi criado em 02 de junho de 1981 por meio do Decreto nº 86.060, a fim de proteger a flora, fauna e belezas naturais da região (Brasil, 1981). Trata-se de uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral, conforme definido pela Lei nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, voltado à preservação ambiental (Brasil, 2000).

Entre as UCs sobre administração federal, os Lençóis Maranhenses têm a gestão realizada pelo órgão federal intitulado Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que é uma autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, responsável pela gestão, proteção, monitoração e fiscalização de tais áreas (ICMBio, 2025).

Nesse contexto, o parque localiza-se no nordeste do Maranhão, com cerca de 270km² de dunas que se formam conforme a combinação dos ventos e vem se transformando no principal destino turístico responsável pela atração de pessoas do mundo inteiro (ICMBio, 2025).

O PNLM abrange três municípios maranhenses: Barreirinhas, que ocupa 44,79% da área total do parque, Santo Amaro do Maranhão, com 44,20%, e Primeira Cruz, com 7,13% (ICMBio, 2025). Essas cidades disponibilizam inúmeros passeios aos visitantes e viabilizam o acesso a distintas áreas do parque, como as dunas, lagoas e povoados. A Figura 1 apresenta um mapa com a localização do PNLM e territórios abrangidos.

Figura 1 – Mapa do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.



Fonte: ICMBio (2025).

Sob o ponto de vista ambiental, destaca-se que a região é provida de um regime pluviométrico que define duas estações anuais: uma chuvosa, de janeiro a junho, que caso seja intensa, se encarrega da criação de lagoas de águas cristalinas em meio às dunas; e outra seca, de julho a dezembro (Mafra *et al.*, 2023; Saldanha *et al.*, 2024). Enfatiza-se que o mês de julho, marcado pelo início da estação seca e pelas lagoas cheias, concentra o maior contingente de visitantes no PNLM (ICMBio, 2022).

A UC está localizada no bioma Cerrado, com influência da Caatinga e da Amazônia, apresentando espécies características desses três biomas. Ela abriga ecossistemas frágeis e variados, como manguezais e campos de dunas, sendo atravessada por diversos rios e lagoas (Fernandes; Coriolano; Silva, 2016).

Frisa-se ainda que é uma região rica na produção do buriti, sendo o fruto produzido por uma palmeira regional que se desenvolve em terrenos alagados, normalmente às margens dos igarapés e rios. É utilizada amplamente na confecção de artesanatos, bem como também é empregado na construção de casas dos comunitários e na culinária, com sobremesas (Mafra *et al.*, 2023; Sousa, 2019).



Além de sua relevância ecológica, o PNLM abriga diversas comunidades tradicionais, localizadas em áreas de restinga, às margens dos rios, nas praias e nas bordas das dunas, como a Queimada dos Britos, Baixa Grande e Atins, por exemplo. Os nativos dessas comunidades têm modos de vida associados à agricultura de subsistência, extrativismo e pesca, além do ecoturismo (Margem *et al.*, 2008).

Por outro lado, o PNLM é tido como um dos principais destinos de ecoturismo a nível nacional e internacional, sendo imprescindível conciliar a prática turística com a sustentabilidade. Apesar de protegida por legislação ambiental, a região enfrenta o turismo desordenado, que pode gerar impactos negativos (Melo, 2024; Cruz *et al.*, 2024; Tasso; Nascimento; Costa, 2012)

Na obra Turismo sustentável, evidencia-se que o crescimento rápido e incontrolado do fluxo turístico vem também provocando efeitos negativos em todas as localidades que experimentam seus benefícios. O fenômeno tem sido tão intenso e difícil de reverter em certas regiões que a sua combinação com a baixa qualidade dos serviços contribui para contínuos impactos ambientais e diminuição dos lucros para a comunidade hospedeira e para a economia nacional, colocando em risco a sustentação da própria indústria turística (Spilanis; Vayanni, 2013).

Tal visão se aplica em certa medida ao município de Barreirinhas. Ainda que o turismo seja uma atividade indispensável na economia local, percebe-se que a infraestrutura urbana ainda é insuficiente para atender o número de visitantes recebidos anualmente, sobretudo na alta temporada, quando se tornam frequentes as quedas de energia, congestionamentos, escassez de hospedagem e de insumos básicos.

Em adição, Panosso Netto e Trigo (2013) recomendam que os empregos turísticos, aumentados em qualidade e os outros mais indiretos gerados devam ser endereçados à mão de obra da própria localidade, determinando pessoalmente o seu desenvolvimento, e dele, efetivamente tomando partido, tendo sido um defensor da plena inserção dos nativos junto à realização da atividade turística.

Na conjunção barreirinhense, apesar do envolvimento dos locais em atividades como transporte, alimentação e hospedagem, muitos não têm acesso a capacitações, o que pode comprometer a qualidade do serviço prestado. O PNLM atrai visitantes de várias partes do mundo e movimenta a economia nacional até o interior maranhense, mas a continuidade de tal

processo depende da capacidade do destino em lidar com os impactos da atividade e convertê-los em benefícios reais para a população.

2.2 Dinâmica socioeconômica de Barreirinhas (MA)

Barreirinhas, localizada a aproximadamente 250 km de São Luís, em direção ao nordeste do estado do Maranhão, tem vivenciado intensas transformações urbanas nas últimas décadas, impulsionadas pelo turismo, principal motor de seu desenvolvimento socioeconômico. Reconhecida como a "Capital dos Lençóis Maranhenses" (D'Antona, 2000), a cidade firmou-se como destino turístico em razão da construção da rodovia MA-402 em 2002, que passou a ser o principal acesso entre a capital e o município, atraindo então visitantes de todo o planeta em busca de experiências junto à natureza (Sousa, 2019).

O município de Barreirinhas está localizado no litoral oriental do estado do Maranhão, integrando a Microrregião dos Lençóis Maranhenses. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo Demográfico de 2022, Barreirinhas detém uma área territorial de aproximadamente três mil quilômetros quadrados e cerca de 65 mil habitantes (IBGE, 2022), como pode ser verificado na Figura 2.

Figura 2 – Mapa de localização do município de Barreirinhas (MA).



Fonte: IBGE (2018).

O município abriga parte expressiva do território do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, sendo uma das principais portas de entrada (Cruz *et al.*, 2024). Destaca-se que, apesar de possuir um núcleo urbano em vias de organização, uma parcela expressiva ainda se



concentra em comunidades ribeirinhas e na zona rural (Castro, 2021; Terra; Viana, 2021; Saldanha *et al.*, 2024).

A partir da década de 70, a Petrobras indiretamente viabilizou o desenvolvimento do turismo em Barreirinhas ao buscar petróleo na região, o que suscitou na abertura de novas estradas. Já na década de 90, Barreirinhas consolidou-se como principal porta de entrada para os Lençóis Maranhenses, impulsionado por investimentos em infraestrutura, o que propiciou o aumento do fluxo de visitantes na região (Marques, 2012; Ataíde Júnior; Moura; Ataíde, 2020).

O desenvolvimento do turismo em Barreirinhas intensificou-se a partir dos anos 2000, impulsionado por investimentos governamentais voltados ao polo “Lençóis Maranhenses”. Esse cenário atraiu novos moradores e trabalhadores em busca de melhores condições de vida (Fernandes; Coriolano; Silva). Tal fato pode ser corroborado pelo censo demográfico do IBGE de 2022, que apontou um aumento de 19,18% na população de Barreirinhas desde o último censo em 2010, refletindo a expansão econômica impulsionada pelo turismo.

Atualmente, Barreirinhas conta com uma crescente estrutura voltada ao turismo, incluindo agências, meios de hospedagem, transportadoras, bares e restaurantes. A economia local baseia-se na pesca artesanal, agricultura, artesanato e, principalmente, no turismo. A atividade agrícola, presente ao longo do ano, inclui o cultivo de culturas permanentes e temporárias, como mandioca, arroz, feijão e coco da praia, a título de exemplo (Fernandes; Coriolano; Silva, 2016).

Nesse contexto, o turismo caracteriza-se como uma atividade que visa conectar pessoas, lugares e aproximar culturas (Silva; Araujo, 2022). Em suas diferentes modalidades surge o ecoturismo, que, para Oliveira (2014), está relacionado com a principal motivação das viagens, que é visitar ecossistemas em seu estado natural. É exatamente nesse ponto que o ecoturismo se diferencia do turismo de massa, que se caracteriza pela grande concentração de visitantes e menor preocupação ambiental; o ecoturismo, por sua vez, promove o desenvolvimento sustentável ao buscar também melhorias nas condições de vida da população local.

Em Barreirinhas, o turismo de massa transformou a paisagem e o cotidiano da cidade, antes pacata e hoje marcada por um intenso fluxo de visitantes (Câmara; Reis; Lima, 2020). Enquanto Saldanha *et al.* (2017) destacam que a atividade turística proporcionou benefícios econômicos, como a geração de empregos, Rodrigues (2013) alerta para os impactos socioambientais decorrentes de tal expansão, como poluição e ocupações irregulares. Cruz *et*



al. (2024) ainda mencionam como impactos negativos o assoreamento em áreas de banho, elevação do custo de vida, especulação imobiliária e aumento da prostituição.

Não obstante os imbróglios supracitados, os moradores de Barreirinhas demonstram apoio à permanência do turismo, sobretudo pelos ganhos econômicos. Ainda assim, a literatura indica a necessidade de ações coordenadas para minimizar os impactos negativos e promover um desenvolvimento mais equilibrado (Cruz *et al.*, 2024).

2.3 Educação Ambiental e Práticas Sustentáveis na atividade turísticas

A educação ambiental é um processo que permite compreender o mundo e agir sobre ele, envolvendo conhecimento, consciência, sensibilidade e atitudes voltadas à preservação do meio ambiente (Oliveira, 2014). Para Serra Júnior, Souza e Baldassini (2024), esse aprendizado precisa estar conectado à vida cotidiana e à diversidade ambiental, garantindo um futuro sustentável.

Seu potencial se amplia quando ocorre de forma prática e interativa, atravessando áreas como o turismo. No ecoturismo sustentável, por exemplo, a conservação ambiental é essencial à própria continuidade da atividade (Batista, 2013).

Nesse cenário, a práxis freiriana articula teoria e prática por meio do diálogo crítico, valorizando as vivências locais (Freire, 2019). No entanto, formações baseadas apenas na transmissão de conteúdos enfraquecem esse potencial. É preciso propor práticas que estimulem a leitura crítica da realidade, inclusive nos espaços turísticos.

Estudo com estudantes de turismo aponta que a educação ambiental pode mediar a relação entre profissionais e comunidades, desde que ancorada em um projeto pedagógico comprometido (Silva; Lima, 2022). A abordagem crítica da educação ambiental, próxima da ecopedagogia, destaca sua dimensão social e a necessidade de integrar os processos ecológicos aos sociais (Carvalho, 2017).

Nossa relação com a natureza é moldada por construções sociais como cultura, classe e etnia. Assim, a educação ambiental deve considerar o contexto em que se insere, rejeitando visões universais e promovendo ações contextualizadas, voltadas à justiça social e à sustentabilidade.

No turismo, isso significa refletir sobre os impactos da atividade e sobre como ela pode contribuir, ou não, para o bem-estar socioambiental. A crítica de Tozoni-Reis (2014) à



abordagem tradicional da educação ambiental reforça essa necessidade, ao apontar que mudanças individuais não bastam quando ignoram estruturas sociais mais amplas.

A educação ambiental crítica rompe com essa lógica superficial. Exige reconhecer as contradições sociais e assumir uma postura coerente entre discurso e prática. Isso inclui compreender a posição dos sujeitos na estrutura social, os limites institucionais e a diversidade cultural dos grupos com os quais se trabalha (Carvalho, 2017).

Mais do que denunciar, trata-se de agir de forma transformadora, com base em uma perspectiva transdisciplinar que articule ciências naturais, sociais e filosofia. No cotidiano, inclusive nas práticas turísticas, a educação ambiental deixa de ser acessória e passa a ser parte orgânica do fazer profissional.

Quando integrada de maneira crítica, amplia a consciência ambiental e ressignifica as relações humanas com o meio. Temas antes restritos à conservação ganham novas dimensões e projetos antes periféricos tornam-se centrais quando articulados a políticas públicas e práticas educativas comprometidas com a sustentabilidade.

3 Metodologia

Este estudo é de natureza qualitativa, com caráter descritivo e exploratório, e tem como objetivo investigar a relação entre os conhecimentos dos guias e condutores de turismo de Barreirinhas (MA) acerca da educação ambiental.

Nesse sentido, consoante Collins e Hussey (2005), “o método qualitativo, que é mais subjetivo envolve examinar e refletir para obter um entendimento das atividades sociais humanas”. Em similitude com tal perspectiva:

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (Minayo, 2014, p. 57)

Desse modo, optou-se por essa abordagem por se tratar de um tema que envolve percepções e experiências e significados construídos ao longo da prática profissional, elementos que talvez possam não ser tão bem apreendidos por meio de métodos quantitativos. A pesquisa foi executada por meio de duas etapas: na primeira, que consiste, na etapa de gabinete, realizou-se o levantamento teórico envolveu a revisão de artigos científicos e documentos relacionados



à educação ambiental em áreas de conservação, servindo de base para a construção do roteiro de entrevista.

Na segunda etapa, que contemplou o trabalho de campo, foram realizadas entrevistas com 10 guias e condutores que atuam em Barreirinhas, selecionados com base no conhecimento prévio da autora e mediante indicação das empresas de turismo locais, considerando também a disponibilidade dos profissionais. As entrevistas foram realizadas em horários previamente agendados, em espaços escolhidos pelos próprios participantes. Todos os entrevistados autorizaram a gravação de suas falas, que foram posteriormente transcritas na íntegra para análise.

O roteiro de entrevista incluiu questões como a identificação dos entrevistados enquanto condutores ou guias, a forma como diferenciam o turismo tradicional do ecoturismo, se realizam alguma orientação ou prática voltada à educação ambiental, se percebem sua atuação como contribuição à preservação ambiental da região, e quais ações acreditam que poderiam fortalecer a educação ambiental local. Por meio desses questionamentos, visou-se compreender o papel desempenhado por esses profissionais na mediação entre visitantes e o meio ambiente e captar se há consciência ambiental articulada à prática turística exercida em Barreirinhas.

A análise do material empírico foi conduzida por meio da leitura cuidadosa e da sistematização das falas dos participantes, com base nos objetivos da pesquisa e no referencial teórico adotado. As entrevistas foram interpretadas à luz da Análise Crítica do Discurso, permitindo identificar sentidos, contradições e práticas vinculadas à inserção da educação ambiental no contexto turístico. Essa abordagem possibilitou compreender como os profissionais articulam saberes, percepções e ações no exercício de suas funções em áreas de conservação ambiental.

4 Resultados e discussão

A pesquisa contou com a participação de 10 profissionais que atuam com turismo na cidade de Barreirinhas – MA, sendo 7 condutores e 3 guias de turismo. Todos os entrevistados afirmaram possuir credenciamento pelo ICMBio para atuarem no parque, já os guias também são registrados no Cadastur.

Assim sendo, o condutor de visitantes é o indivíduo autorizado pelo ICMBio a conduzir visitantes nas unidades de conservação, desenvolvendo atividades educativas sobre o ambiente



e monitorando os impactos nas áreas visitadas. Já o guia regional orienta e conduz grupos em múltiplos roteiros, como excursões urbanas, municipais, estaduais ou mesmo internacionais (ICMBio, 2019).

O cadastro junto ao ICMBio assegura que o condutor esteja tecnicamente preparado e alinhado às normas de conservação, contribuindo para a qualidade da experiência turística e a proteção das UCs (ICMBio, 2019). Em paralelo, o registro do Cadastur é o reconhecimento oficial do Ministério do Turismo para a atuação de profissionais guias, garantindo legalidade da atuação e mais segurança aos turistas (Distrito Federal, 2025). Quando questionados sobre a diferença entre guias e condutores de turismo, dois entrevistados diferentes apresentaram percepções que demonstram uma dicotomia evidenciada pela formação profissional:

A diferença pra mim, assim, no meu olhar, mais é a questão de estudo, questão de certificado, né? Porque pra ser um guia, tem que ter o certificado, tem que estudar, né? E o condutor não precisa desse estudo, precisa mais mesmo, somente da prática, né? Basta tá credenciado e envolve mais prática. (P01)

[...] o condutor é mais aquela pessoa que conhece a localidade, ele tem conhecimento do seu lugar de origem, mas muitas das vezes não tem a parte técnica do trabalho, do profissionalismo, é mais realmente o conhecimento da sua região. Já o guia de turismo, além do conhecimento local, ele tem uma parte técnica, ele já tem ali a segurança. (P06)

As falas revelam compreensão parcial sobre a diferença entre guias e condutores de turismo: ambos os entrevistados associam o guia ao conhecimento técnico e certificação, e o condutor ao saber prático e vínculo com o território. No entanto, percebe-se um desconhecimento sobre a formalização da profissão de guia de turismo, que requer formação específica em cursos técnicos ou superiores. Tal equívoco corrobora a fundamentalidade de ampliar o acesso à informação sobre a atuação profissional no setor de turismo.

Consoante Serra, Nóbrega e Paula (2024), guias e condutores de visitantes em Barreirinhas têm como função acompanhar os turistas na Unidade de Conservação, apresentando e interpretando aspectos históricos, ambientais, culturais, sociais e normativos dos atrativos. Os relatos exprimem que os condutores, geralmente correlacionados ao saber empírico, mantêm uma relação intrínseca com o ambiente e a cultura local, indo além de uma simples prestação de serviços (Almeida; Rocha, 2023).

Os condutores em grande maioria são nativos, e, por isso, carregam um senso de pertencimento e afeto pelo território, o que reflete no modo como compartilham conhecimentos



e valorizam os modos de vida locais. Essa identidade com a região fortalece o papel do condutor, uma vez que suas vivências conferem autenticidade à experiência turística. Diante disso, os entrevistados enfatizam a complementaridade das funções de guia e condutor, vide a vivência subjetiva dos condutores:

Às vezes o guia vem de outro local, outra cidade, outro estado, outro país e não tem o conhecimento do local em si, ele tem o conhecimento teórico. Mas o conhecimento prático, quem vai ter é o condutor. Então, muitas das vezes, o condutor, ele vai ter mais propriedade para poder fazer a condução naquele ambiente, no local desejado para fazer o turismo. (P10)

Quando eu tenho um condutor, um guia local, a forma como ele explica as vivências que ele tem ali, dá uma veracidade, dá um contexto pessoal que eu acho que para mim é super importante você trabalhar também a questão da emoção no passeio. Eu falar de uma lagoa é uma coisa, mas eu falar de alguém que cresceu e viveu naquela lagoa e conhece aquela lagoa é diferente. (P07)

Além de realçar a importância da figura dos condutores de turismo, as falas também sublinham o potencial educativo de práticas turísticas na natureza. Como observado por Nascimento *et al.* (2024), tal abordagem projeta oferecer experiências singulares aos visitantes e também contribuir para a conservação dos ecossistemas e fortalecimento comunitário.

Nessa conjuntura, os participantes foram instigados a refletir sobre as diferenças entre o turismo de massa e o ecoturismo. Nas falas, evidencia-se uma crítica ao turismo tradicional:

Então, a diferença é que o turismo tradicional, ele é um turismo mais, que gera mais conforto pra pessoa, né? Que eu nem digo turismo tradicional, eu digo turismo de massa. Porque é muita gente [...] O ecoturismo, ele é mais ecológico, entendeu? Pra mim, ele mantém mais conexão com a natureza, sabe? (P01)

O turismo tradicional é aquele voltado para o turismo predatório, onde só os grandes empresários do turismo lucram, os nativos ou pequenos empreendedores ficam de fora. Aqui tem muito disso e ainda utilizam o termo “ecoturismo” pra se destacar. Mas mesmo assim aqui tem ecoturismo, aquele turismo que considera o todo, turista, comunidade, natureza e principalmente o respeito ao território. Isso é algo que pra mim é fundamental. (P02)

Enfatiza-se que o ecoturismo, diferentemente do turismo de massa, traz como proposta uma prática consciente e responsável. Trata-se de uma modalidade que visa mitigar impactos negativos sobre a natureza, promovendo sua preservação e valorização da cultura, gerando ainda benefícios para a economia regional por meio da geração de empregos, ao mesmo tempo que conscientiza a respeito da importância da preservação dos recursos naturais e culturais (Jesus; Silva; Machado, 2024).



Outros participantes apontam que, embora Barreirinhas possua um grande potencial para o ecoturismo, na prática ainda predomina a lógica comercial do turismo de massa:

Então, eu acho que a diferença do ecoturismo, poucas empresas, na realidade, se vende ecoturismo. A maioria das grandes empresas trabalham turismo de massa, que é turismo tradicional, para levar para um determinado local, e é aquele lugar, entendeu? Ecoturismo, poucas empresas trabalham aqui. (P04)

Na teoria seríamos ecoturismo já que temos uma natureza bruta e diversa na região, mas a educação ambiental ainda deixa a desejar. Então, o turismo tradicional é a realidade local com foco em turismo de aventura, o contato com a comunidade de fato ainda é pouco. (P05)

Cabe salientar que o ecoturismo se fundamenta nos princípios de interpretação, conservação e sustentabilidade. A interpretação objetiva despertar no visitante o interesse pelo meio ambiente, de modo a sensibilizá-lo quanto à consciência ambiental. Paralelamente, a conservação e a sustentabilidade buscam que a atividade colabore para a preservação da região (Brasil, 2010).

No entanto, na prática, o que se evidencia nas falas anteriores é que o ecoturismo vem sendo apropriado por práticas que se distanciam de seus reais objetivos, configurando o turismo predatório, que pouco se compromete com a realidade local. Nesse âmbito, Martins e Silva (2018) ressaltam que o ecoturismo deve envolver princípios conservacionistas, ancorados na sustentabilidade e educação ambiental, os quais não são fundamentos compartilhados pelo turismo de massa.

Constata-se então que o ecoturismo, quando executado segundo seus preceitos básicos, pode gerar lucros ao promover a conexão do ser humano com a natureza. Porém, quando não realizado da forma correta, pode acarretar graves danos socioambientais (Aguiar *et al.*, 2023). Constata-se, então, que o discurso ambiental do turismo nesses casos, torna-se vazio, sem funcionalidade.

Nesse sentido, o ecoturismo de base comunitária surge como uma maneira de estreitar os vínculos entre os visitantes e a comunidade. Tal modalidade valoriza a vivência da rotina comunitária, gastronomia tradicional e incorporação de práticas culturais no roteiro turístico (Oliveira; Diógenes; Almeida, 2021; Campos; Silva, 2020). Em Barreirinhas, tal modelo poderia ser mais explorado como uma estratégia de fortalecimento da cultura local e consciência ambiental, porém, é mister fomentar a qualificação profissional para evitar a superficialidade dessas práticas, transformando-as em ações verdadeiramente concretas.



Os participantes também compartilharam exemplos de práticas que, em seus pontos de vista, se enquadram como ecoturismo:

[...] quando a gente chega no parque, uma das coisas que são ditas são informações sobre o parque. Fala-se sobre espécies, fala-se sobre as lagoas, a movimentação ao longo do ano dessas lagoas, das estações, como isso influencia, qual é a movimentação orgânica do parque. Isso é transmitido. (P07)

Durante a condução no Parque Nacional, nós paramos na trilha para poder mostrar a questão da fauna, os animais, a flora... (P10)

[...] fazemos o trekking na zona primitiva dentro do Parque Nacional, Queimada dos Britos, Baixa Grande e Betânia. Então a gente faz a vivência dentro das comunidades, a pessoa dormindo na rede, a pessoa comendo as comidas tradicionais servidas no dia a dia que nós comemos e que as pessoas também da comunidade comem. Nós temos o 'pedal' nos Lençóis Maranhenses, nós temos a travessia que é o trekking e temos o passeio a cavalo que fica na região de Atins. (P09)

Eu posso dizer que um passeio de ecoturismo é, por exemplo, o trekking. Que ele não tem essa parte de massa. É um determinado público que faz, uma quantidade de pessoas bem menor, que tem uma proposta de imersão [...] As pessoas já vão para ter essa experiência da casa dos nativos. Então, para mim, isso é o ecoturismo. A pessoa não precisa estar mudando a cultura, o ambiente, para atender o turista. (P06)

Nas falas, evidencia-se um esforço por parte dos profissionais em promover vivências que integrem o visitante ao cotidiano da população tradicional. Essa proposta tem por finalidade gerar satisfação através de experiências que visem respeito aos modos de vida locais e a aproximação entre culturas distintas. Para Nascimento Fernandes e Mondo (2023), tais trocas podem ainda viabilizar o resgate e a valorização de tradições passadas.

Ressalta-se que as belezas naturais da região, bem como aspectos relacionados à sua própria cultura, se opõem à homogeneização intrínseca à vida urbana, configurando um grande atrativo para os turistas (Fernandes; Coriolano; Silva, 2016). Para mais, as práticas narradas se aproximam do conceito de ecoturismo que abrange grupos reduzidos, imersão e incentivo à consciência ambiental (Brasil, 2010). Contudo, ainda que essas iniciativas estejam presentes, destaca-se que coexistem com uma lógica de exploração turística:

Existe ecoturismo nas práticas de canoagem, nos trekkings [...] Mas se você desce no Caburé e Atins, você percebe o turismo predatório, tradicional, e que aos poucos vai desagregando o território. Um exemplo disso é o Kitesurf. Eu fico indignada com a maneira que eles tratam os pescadores. Tira-se ou atrapalha o modo de vida e o ganha pão dessas pessoas em prol do bem estar dos gringos. Eu acho desumano. (P02)



Embora o ecoturismo seja reconhecido por valorizar o patrimônio cultural, na prática o turismo em Barreirinhas ainda convive com formas predatórias que impactam negativamente as comunidades locais. Tal tensão revela que o desenvolvimento turístico nem sempre se traduz em melhoria da qualidade de vida para a população local.

Por outro prisma, frisa-se que o ecoturismo promove a educação ambiental ao sensibilizar turistas e comunidades para a preservação da natureza e a valorização do patrimônio cultural (Nascimento; Fernandes; Mondo, 2023). Um dos entrevistados sintetiza essa colocação:

O turismo tradicional, como eu vou dizer, ele está mais focado no lazer, no divertimento. Eu acho que esse é o principal foco. E o ecoturismo já tem uma proposta mais de preservação do meio ambiente, de conscientização desse meio ambiente, de uma interação entre o cliente e o espaço que ele vai viver, uma interação sobre a importância de preservar. (P07)

Observa-se, então, que a educação ambiental é incorporada às práticas cotidianas de trabalho, sendo considerada parte da atuação de guias e condutores. Todos os entrevistados referiram ações voltadas à sensibilização dos turistas no que tange ao ambiente natural, com ênfase na orientação sobre descarte de resíduos, preservação da fauna e flora local.

A maioria dos exemplos mencionados envolve o cuidado com o lixo durante os passeios, mas alguns também trazem outros tipos de abordagens. No Quadro 1, apresentam-se alguns trechos ilustrativos de tais práticas.

Quadro 1 – Relação das respostas dos entrevistados para a questão “Você realiza algum tipo de ação ou prática voltada à educação ambiental?”.

PARTICIPANTE	RESPOSTAS
P01	<i>“Eu normalmente sempre dou uma orientação, né? Pra galera, tipo, ter respeito com a natureza, entendeu? Ter, cada um, ter cuidado com o seu lixo, com a sua embalagem. É deixar menos marcas possíveis também, entendeu?”</i>
P02	<i>“Não fazer fogueira no parque, não usar garrafas pets, não deixar resíduo sólido no parque e não usar veículo que possa causar desequilíbrio nas dunas e lagoas”.</i>
P06	<i>“Eu acredito que isso seja função prioritária do guia, principalmente na região que a gente está. A gente tem uma natureza bem rica, quando a gente fala da Palmeira do Buriti, é... do rio Preguiças em si, então... a nossa própria vegetação e as dunas, que são bem branquinhas [...] Então, qualquer tipo de lixo ali ia causar uma poluição visual”.</i>
P07	<i>“E aí é passado [...] informações relacionadas ao parque, aos nativos, a maneira de preservar, de interagir, de modo a evitar um impacto negativo, mas também explicar com mais detalhe possível sobre espécies, sobre comportamentos, sobre, como eu vou dizer, a forma como essa natureza exuberante, bonita, ela atua”.</i>
P08	<i>“Antes de entrar no parque, a gente sempre fala das regras do parque. É sempre, “gente, cuidado, cada um é responsável pelo seu lixo, né? Cuidado pra não voar sacolas e tal” [...] A gente fala dos pássaros, né? Que tem muitas espécies de pássaros no parque. Então, é proibido o som”.</i>



P10

“Como no passeio de Atins, que além das lagoas, a gente visita áreas de praias. Então, a gente explica a questão do lixo, sobre as tartarugas marinhas que comem o plástico e acabam se engasgando e vindo a morrer [...] a gente faz as explicações da questão dos pássaros também, que comem esse lixo também”.

Fonte: Autoria própria (2025).

As falas evidenciam um entendimento ainda incipiente do real papel desenvolvido pelos guias e condutores como mediadores da educação ambiental. Percebe-se que o foco predominante está na orientação sobre o descarte adequado de resíduos sólidos, mas existe uma ínfima abertura para práticas mais amplas voltadas ao meio ambiente, como abordado pelo P07, que efetua, no íterim da educação ambiental, explicações minuciosas sobre a fauna e a flora local. Destaca-se que a educação ambiental vai além da preservação física do espaço, trata-se da construção de uma consciência crítica sobre as relações entre seres humanos e natureza, o que pode incluir o respeito à biodiversidade e a compreensão do modo de vida das comunidades nativas.

Dessa maneira, as atividades turísticas em UCs carregam um potencial educativo ao viabilizar vivências na natureza, incentivando atitudes responsáveis em relação ao ambiente. Para que tal prática se desenvolva, é mister integrar dimensões ambientais, sociais, culturais e econômicas, tendo a educação como eixo orientador das ações (Silva; Novello, 2021).

Adicionalmente, levando em consideração que as práticas de educação ambiental auxiliam na formação da consciência sobre sustentabilidade, objetivou-se compreender como os profissionais de turismo acreditam que sua atuação contribui para a conservação ambiental da região (Quadro 2).

Quadro 2 – Relação das respostas dos entrevistados para a questão “Você acredita que a sua atuação contribui, de alguma forma, para a conservação ambiental da região?”.

PARTICIPANTE	RESPOSTAS
P01	<i>“Eu acredito. Eu acredito porque eu faço trilha, né? É um passeio de uma forma o mais natural possível [...] é uma forma de contribuição, entendeu? Na minha opinião, é deixar menos impactante o lugar”.</i>
P02	<i>“Nossa atuação é muito voltada para o atendimento ao público e fica muito a critério do visitante. As pessoas não querem nem te ouvir às vezes, só curtir a viagem que eles pagaram caro”.</i>
P05	<i>“Sou uma condutora com consciência ambiental, tenho muito respeito e amor pela natureza e tento passar esse olhar para os visitantes, não só com palavras mas com ação de juntar o lixo que sempre encontro nas caminhadas. Sei o quanto a natureza é importante para nossa existência em todos os sentidos e que é preciso cuidar”.</i>
P09	<i>“O nosso papel é importante para a educação ambiental, porque se a gente não ajudar a preservar, daqui a pouco não tem Parque, pela quantidade de pessoas que a gente recebe”.</i>

Fonte: Autoria própria (2025).



Alinhado a essa perspectiva, Nascimento, Fernandes e Mondo (2023) destacam que a educação ambiental pode ser fortificada por meio da sensibilização de turistas para a proteção ambiental, bem como do patrimônio histórico-cultural. Tal perspectiva se reflete nas falas dos entrevistados, como exemplifica a declaração a seguir:

[...] é fundamental que o turismo cada vez mais deixe de ser meramente lazer e passe a ser uma atuação, passe a ser um serviço que faça com que as pessoas tenham consciência do impacto que o ser humano pode causar no ambiente. É importante que as pessoas tenham consciência de que se divertir, ter momentos inesquecíveis está associado à capacidade de entender que você deve preservar. A preservação permite que a gente conviva com as espécies, conviva com essas paisagens a longo prazo. (P07)

Por conseguinte, com o fito de compreender os obstáculos enfrentados na consolidação de um turismo verdadeiramente ecológico em Barreirinhas, os entrevistados apontaram os principais desafios percebidos em suas práticas laborais:

Ninguém está debatendo sobre os resíduos sólidos deixados na praia de Caburé e Atins. Ninguém tá questionando sobre o uso de plásticos em restaurantes de lá, tão próximos do reduto das tartarugas marinhas, ninguém fala sobre o uso e abuso de drogas, etc. Tudo isso tá faltando pra gente. (P02)

A consciência ambiental que ainda é mínima e isso desde as gestão até os nativos. O senso de preservação é muito discutido, mas pouco colocado em prática. Especulação imobiliária muito alta nas margens do rio Preguiças. O turismo muito focado no dinheiro e pouquíssimo preocupado com impactos ambientais e das comunidades. (P05)

[...] veículos não autorizados que acabam adentrando o parque, sem se preocupar com a questão da fauna, flora, acabam deixando o lixo, passam por cima de ninhos de animais, passam por dentro das lagoas jogando óleo [...] acho que o maior desafio seria ter uma melhor fiscalização no parque nacional, ter um órgão mais presente e que fiscalizasse realmente, que é o que não acontece. Na teoria tem o órgão, mas na prática não há essa fiscalização constante. Às vezes eles fiscalizam sim, às vezes não. (P10)

Os desafios descritos acima refletem fragilidades comuns em regiões turísticas brasileiras, como fiscalização ambiental deficiente e debate superficial sobre questões ecológicas. Fonseca e Nóbrega (2021) alertam que a falta de manejo de tais desafios pode favorecer a exploração dos ecossistemas, conflitos socioambientais e vulnerabilidades político-territoriais. Tais imbróglis denotam a necessidade de políticas públicas que articulem a conservação ambiental com o desenvolvimento socioeconômico, de forma a garantir o equilíbrio necessário para o turismo sustentável.



Outrossim, desafios estruturais também podem ser constatados nas falas anteriores. Com o crescimento constante de Barreirinhas, verificou-se uma supervalorização do espaço urbano e, com isso, a especulação imobiliária, o que obriga os moradores com menor poder aquisitivo a habitar distante do perímetro urbano. Tal fenômeno pode configurar uma cidade feita pra turistas e não para os moradores, resultando em segregação socioespacial e enfraquecimento das comunidades locais (Ataide Júnior; Moura; Ataide, 2020). Essa dinâmica pode provocar a perda da identidade cultural, ameaçando a própria base do ecoturismo, que depende da valorização e participação ativa das populações locais.

Além disso, a formação incipiente desponta como um dos principais entraves à consolidação do ecoturismo em Barreirinhas, sobretudo considerando que grande parte dos entrevistados neste estudo atua como condutor local. Esse dado por si só já aponta para a ausência de formação especializada. Considerando que o turismo é a principal atividade econômica do município, esperava-se maior investimento em qualificação profissional. Essa preocupação é reforçada por falas dos próprios profissionais:

Para ter uma ideia, a gente não tem realmente uma formação. Eu gosto de citar, por Barreirinhas ter a principal economia é o turismo, já poderia vir da base, ou seja, já poderia vir das escolas. A maioria das pessoas, depois que terminam o ensino, o ensino médio, com 18 anos, que precisa estar buscando o mercado de trabalho, o turismo acaba sendo uma boa alternativa, até porque é a principal fonte de renda da cidade. Embora seja uma principal alternativa, eles não vêm preparado para isso. Não vêm com uma base. (P06)

Outras falas dos entrevistados corroboram com essa perspectiva, enfatizando a importância da formação técnica e da valorização dos profissionais locais:

Eu acho que os guias é procurar se aperfeiçoar, procurar conhecimento em relação ao serviço, e aí, ou seja, tentar conhecer o máximo possível sobre a área, também tentar procurar ter uma boa comunicação. (P07)

Eu acho que a maior parte dos condutores aqui, eles carecem de conhecimento, de passar isso pro turista, entendeu? Eu acho que nós ainda precisamos aprender muito, né? E ter uma postura realmente de condutor, de guia, né? Eu acho que a gente ainda tá muito atrasado. (P08)

A ausência de qualificação profissional se revela como um dos principais obstáculos ao fortalecimento do ecoturismo em Barreirinhas, prejudicando a experiência dos visitantes e o potencial educativo dessa prática. A responsabilidade pela formação desses trabalhadores recai sobre o poder público, em parceria com instituições de ensino e o setor privado, garantindo



capacitação contínua e alinhada às demandas locais. Em contextos sustentáveis, como aponta Castro, Galvão e Binfaré (2019), o ecoturismo depende da capacitação dos envolvidos para promover o uso consciente dos recursos naturais e impulsionar a conservação ambiental.

Diante dos desafios identificados procurou-se analisar quais caminhos os profissionais enxergam para fortificar a educação ambiental no turismo local:

Concurso público para agente ambiental, fiscalização de ponta a ponta pra evitar desrespeito ao parque e as pessoas e ao território, campanha de proteção a prostituição infanto-juvenil e muita educação ambiental e humana pra essa galera do turismo. (P02)

Eu acho que buscar parcerias, tanto poder público, poder privado, os órgãos, associações, as de classe, como cooperativa, associação de guia, e promover, fortalecer essa educação ambiental na região, sobre preservação dos Lençóis, sobre a continuidade desse legado, porque se a gente não preservar hoje, como eu te falei antes, a gente não vai ter isso amanhã, não vai ter isso depois. (P04)

As falas supracitadas evidenciam que fortalecer a educação ambiental no turismo de Barreirinhas demanda ações integradas, que vão desde a profissionalização e fiscalização efetiva até o engajamento populacional pela preservação. Seguidamente, os entrevistados demonstram consciência de que proteger os Lençóis Maranhenses é também proteger seu próprio futuro:

Porque a natureza é o futuro de todo mundo. Assim, de estar bem no futuro, né? Porque se tu bagunça hoje com a natureza... Futuramente, ela vai... Ela vai se desgastando e a gente depende dela, né? (P01)

Eu acho que todos, se não todos, mas a grande maioria no todo, tá preocupado com isso, porque sabe que se isso acabar, acaba a vida de muitas pessoas, não no sentido de morrer, mas vão viver de quê? [...] porque isso é um patrimônio, é uma coisa única no mundo, que a gente tem que preservar, tem que cuidar, porque senão amanhã a gente não vai ter isso, né? Então, a gente tem que cuidar hoje para ter amanhã, preservar hoje para a gente ter amanhã. (P04)

Os relatos indicam um esforço crescente dos profissionais para alinhar suas práticas aos princípios do ecoturismo e valorizar o PNLM. Contudo, para evitar o declínio causado pela massificação do turismo, é essencial implementar ações de preparação e controle, promovendo um planejamento sustentável que maximize benefícios e minimize impactos (Grimm; Sampaio, 2011). A fala a seguir exemplifica esse compromisso:

Então eu percebo nos condutores, eu percebo nos guias, que tem sim essa relação com a natureza, de trazer uma consciência para o turista, de explicar as dimensões do parque, fauna, flora, as regras de respeito em relação ao parque, relacionado à preservação, relacionado a compreender mesmo a dimensão da beleza do local, a



contenção de impacto, buscar ter um impacto menos negativo, porque, por mais que não se queira, um monte de gente andando em um local tem um impacto. A gente vê que tem clientes de todo jeito. (P07)

Encerrando os relatos, percebe-se que o ecoturismo vai além do lazer ao oferecer a possibilidade de um envolvimento mais profundo com o território, despertando uma percepção sensível sobre o ambiente natural.

5 Considerações finais

Os relatos indicam que, embora muitos demonstrem compromisso com práticas sustentáveis e valorizem o papel de suas atividades, ainda há muitos desafios relacionados à qualificação profissional e ineficiência da fiscalização ambiental. Os entrevistados foram unânimes ao reconhecer a importância da educação ambiental no exercício diário da profissão;

Os entrevistados destacam também a falta de apoio governamental contínuo, tanto na promoção de ações formativas quanto no controle da atividade turística, o que dificulta o fortalecimento de uma cultura de preservação ambiental. Em adição, questões como a especulação imobiliária, o turismo predatório e a circulação de veículos não autorizados dentro do PNLM foram mencionadas como ameaças recorrentes.

A preocupação dos guias e condutores de turismo com essa preservação e diminuição dos impactos no ecossistema é constante, pois todos têm a consciência que se não existir local preservado, não há visitantes e em consequência, não há renda. Em suma, a preservação do ecossistema local e da educação ambiental não só dos guias de turismo da cidade de Barreirinhas (MA), mas de toda a população da cidade e visitantes deve ser uma preocupação constante.

Sublinha-se que a conservação ambiental é responsabilidade do Estado, conforme o artigo 225 da Constituição Federal, que assegura a proteção do meio ambiente e a qualidade de vida da população. Com base nos resultados deste estudo, recomenda-se a adoção de políticas públicas que reforcem a fiscalização ambiental e promovam a capacitação contínua de guias e condutores locais, fortalecendo práticas sustentáveis no turismo. Para mais, sugere-se a criação de um projeto de extensão que envolva pesquisa e ações educativas junto às comunidades e ao setor turístico de Barreirinhas, visando integrar desenvolvimento econômico e preservação ambiental.



Referências

AGUIAR, L. R. *et al.* A PERCEPÇÃO DO ECOTURISMO POR ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DA AMAZÔNIA BRASILEIRA. **Educamazônia – Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 16, n. 1, 2023.

ALMEIDA, A. R. B.; ROCHA, A. M. Reflexões sobre a atuação dos condutores de visitantes: fragilidades em tempos de pandemia. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 11, n. 2, 2023.

ATAIDE JÚNIOR, F.; MOURA, E. D.; ATAIDE, P. C. A EVOLUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA NO TERRITÓRIO DE BARREIRINHAS – MA. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 17, e11073, 2020.

BALOGH, Q. B. *et al.* Impact of tourism development upon environmental Sustainability: A suggested framework for sustainable ecotourism. **Environmental Science and Pollution Research**, v. 30, n. 3, p. 5917-5930, 2023.

BATISTA, G. M. Turismo e desenvolvimento local: uma alternativa para as comunidades brasileiras. 5.º Encontro Nacional de Empreendedorismo. Fortaleza: UFC, 2003.

BRASIL. Decreto Nº 86.060, de 2 de junho 1981. Cria, no Estado do Maranhão, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, com os limites que especifica e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1981.

BRASIL. Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2000.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo**: orientações básicas. Brasília: 2010.

BRASIL. Turismo é responsável por 1 em cada 10 novas vagas de emprego no setor de Serviços, em janeiro. **Ministério do Turismo**, 15 mar. 2024. Dados do setor. Disponível: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/turismo-e-responsavel-por-1-em-cada-10-novas-vagas-de-emprego-no-setor-de-servicos-em-janeiro>. Acesso em: 15 mai. 2025.

CÂMARA, R. J. B.; REIS, R. R.; LIMA, R. N. Turismo sustentável: perspectiva socioambiental como geração de valor em empreendimentos hoteleiros de Barreirinhas (MA). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 13, n. 1, 2020.

CAMPOS, J. S.; SILVA, L. G. POTENCIALIDADES TURÍSTICAS NO PROJETO DE ASSENTAMENTO SERRA DOURADA NO MUNICÍPIO DE GOIÁS (GO) EM 2017. **Revista Mirante**, v. 13, n. 2, 2020.



CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2017.

CASTRO, C. A. T.; GALVÃO, P. L. A.; BINFARÉ, P. W. Fatores que influenciam a demanda por qualificação profissional para o desenvolvimento do ecoturismo no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 11, n. 4, p. 634-644, 2019.

CASTRO, C. E. COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES: DIFERENCIAÇÕES NA (RE)PRODUÇÃO DO LUGAR. **Ciência Geográfica – Bauru**, v. 25, n. 4, p. 1588-1609, 2021.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**. 2. Ed. São Paulo: Bookman, 2005.

COUTINHO, S. F. S.; SILVA, E. S.; SILVA, P. A. Educação Ambiental e Sustentabilidade social e ecológica dos lugares turísticos e de lazer. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 7, n. 2, p. 251-268, 2014.

CRUZ, S. H. R. *et al.* Desenvolvimento histórico e turístico de Barreirinhas–MA: análise das implicações socioeconômicas e ambientais. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 17, n. 13, e14194, 2024.

D'ANTONA, A. O. Tempos e Lugares no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses: Considerações sobre o modo de vida de comunidades residentes junto a um parque nacional: In: DIEGUES, A. C. **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000.

FERNANDES, E. C. S.; CORIOLANO, L. N. T.; SILVA, A. S. OS SABORES DA ROTA: identidade territorial na gastronomia do município de Barreirinhas/MA. In: SEMINÁRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, XIII., 2016, São Paulo. **Anais do Seminário da ANPTUR – 2016** [...]. Online: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2016. 1865. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/582.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2025.

FONSECA, I. L.; NÓBREGA, W. R. M. Desafios e oportunidades do turismo na Área de Proteção Ambiental Bonfim-Guaráira (RN): concepções de análise a partir do conselho gestor. **REVISTA ACADÊMICA OBSERVATÓRIO DE INOVAÇÃO DO TURISMO**, v. 15, n. 1, p. 22-42, 2021

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 91. ed. Paz & Terra: São Paulo, 2019.

GRIMM, I. J.; SAMPAIO, C. A. C. Turismo de base comunitária: convivencialidade e conservação ambiental. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**, n. 19, p. 57-68, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Barreirinhas: panorama. **IBGE**, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/barreirinhas/panorama>. Acesso em: 20 abr. 2025.



INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DE BIODIVERSIDADE. Parna dos Lençóis Maranhenses. **ICMBio**, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/parna-dos-lencois-maranhenses>. Acesso em: 15 mai. 2025.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIODEMOGRÁFICOS E CARTOGRÁFICOS. **Panorama do turismo no Maranhão**: análise econômica do setor. São Luís: IMESC, 2025.

JESUS, D. M. M.; SILVA, E. V.; MACHADO, A. M. B. Ecoturismo como estratégia de educação ambiental orientado pelo planejamento da paisagem. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 46, p. 42-60, 2024.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2013.

MAFRA, K. K. C. *et al.* Análise do marketing turístico e da promoção do destino Lençóis Maranhenses a partir de uma operadora de turismo Potiguar. **Revista Iberoamericana De Turismo**, v. 13, n. 2, p. 116-132, 2023.

MARGEM, C. B. *et al.* Relatório: diagnóstico socioambiental de 13 povoados inseridos nos limites do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Barreirinhas-MA: IBAMA, 2008.

MARQUES, A. M. S. **PLANEJAMENTO URBANO E MEIO-AMBIENTE**: os moradores dinâmica urbana do município de Barreirinhas – MA. 2012. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

MARTINS, P. C.; SILVA, C. A. Turismo de Natureza ou na Natureza ou Ecoturismo? Reflexões e contribuições sobre um tema em constante debate. **Revista Turismo em Análise**, v. 29, n. 3, p. 487-505, 2019.

MELO, D. B. Monitoramento dos Impactos da Visitação no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 17, n. 2, 2024.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, L. *et al.* Ecoturismo e turismo comunitário em uma reserva de desenvolvimento sustentável no Nordeste Brasileiro. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 5, e4174, 2024.

NASCIMENTO, N. F. G.; FERNANDES, A. J. B.; MONDO, T. S. The relationship between ecotourism and hosting services in Urubici/SC. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, v. 13, n. 1, 2023.



OLIVEIRA, A. M. N.; DIÓGENES, C. M.; ALMEIDA, D. M. F. Lazer e protagonismo social: uma experiência de turismo comunitário no nordeste brasileiro. **Cadernos de Geografia**, n. 43, p. 67-80, 2021.

OLIVEIRA, J. A. A variável socioambiental nos processos de planejamento do setor turístico. In: BARBOSA, L. G. M.; Z., D. M. (Org.). **Gestão em turismo e hotelaria: experiências públicas e privadas**. São Paulo: Aleph, 2014, p. 21-36.

PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2013.

RODRIGUES, L. M. **“O SEGREDO DO BRASIL”**: os sentidos do lugar turístico no discurso da propaganda oficial sobre os Lençóis Maranhenses. 2011. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguísticas e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

SALDANHA, M. A. *et al.* Diagnóstico do emprego turístico gerado na cidade de Barreirinhas (MA). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 10, n. 2, 2017.

SALDANHA, M. A. *et al.* Implicações ambientais do Turismo em Barreirinhas (MA) a partir da observação dos agentes de viagem receptivos. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 17, n. 2, 2024.

SERRA JÚNIOR, D. F.; SOUZA, R. C. A.; BALDASSINI, R. S. A Importância da Educação Ambiental nas escolas para a promoção do desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 8, p. 185-194, 2024.

SERRA, M. O.; NÓBREGA, W. R. M.; PAULA, A. T. Os desafios para o desenvolvimento do trabalho de associações e cooperativas de turismo em Barreirinhas / MA, Brasil: notas introdutórias. **Ensayos de Economía**, v. 34, n. 65, p. 117-134, 2024.

SILVA, J. P.; ARAUJO, C. P. Turismo no Brasil, desigualdade social e o discurso das políticas públicas. **Sociedade e Estado**, v. 37, n. 3, p. 1051-1072, 2022.

SILVA, D. A.; LIMA, T. P. TURISMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: percepções dos alunos do Curso de Turismo do Campus de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão. **Revista Infinitum**, v. 5, n. 9, p. 79-97, 2022.

SILVA, K. F. P.; NOVELLO, T. P. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ECOTURISMO: UMA ESTRATÉGIA PARA A VALORIZAÇÃO LOCAL E O DESPERTAR DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO AMBIENTAL. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 12, n. 2, p. 482-502, 2021.

SILVA, R. P. *et al.* Ecoturismo e sensibilização ambiental: a percepção dos guias ecológicos do Parque Nacional do Vale do Catimbau – Pernambuco. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 4, e3860, 2024.



SOARES, A. G. L.; LIMA, B. L.; SPINOLA, C. DE A. AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS DO TURISMO NA TRILHA DA CACHOEIRA DO BURACÃO, CHAPADA DIAMANTINA - BAHIA/BRASIL. **Turismo: Visão e Ação**, v. 26, e18616, 2024.

SOUSA, G. T. **TRADICIONALIDADE CAMPONESA E CONTRADIÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NO PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES (PNLM): O CASO DAS COMUNIDADES DE BURITI AMARELO E PONTA DO MANGUE EM BARREIRINHAS – MA**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2019.

SPILANIS, I.; VAYANNI, H. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2013.

TASSO, J. P. F.; NASCIMENTO, E. P.; COSTA, H. A. Factores de inserción socioeconómica en destinos turísticos emergentes: La búsqueda de inclusión en Barreirinhas (MA) - Brasil. **Estudios y perspectivas em turismo**, v. 21, n. 5, p. 1075-1093, 2012

TERRA, A.; VIANA, F. O. A produção camponesa no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses: desafios e conflitos socioambientais. **REVISTA NERA**, n. 58, p. 125- 145, 2021.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental: natureza, razão, história**. São Paulo: Autores Associados, 2014.

UNESCO World Heritage Convention. Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. **UNESCO**, 2024. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1611/>. Acesso em: 19 mai. 2025.